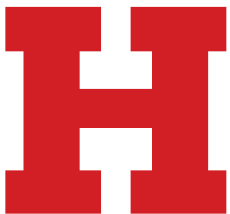


# Des-cobrir a Europa

## Objetos secretos

“Este livro pioneiro”, resultado de cinco anos de trabalho de investigadores do projeto MEMOIRS, “é de leitura tão obrigatória como dolorosa, já que os percursos de vida aqui expostos revelam não segredos, mas sim fantasmas hediondos que hoje nos continuam a assombrar porque não tivemos ainda a coragem, como sociedade, de os confrontar” – sublinha o autor desta análise, prof. da Universidade de Warwick, no Reino Unido, e que foi designadamente presidente da American Portuguese Studies Association

PAULO DE MEDEIROS



Há livros que são como a chave de um cofre cheio de segredos e este – *Des-cobrir a Europa: Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias* – é um deles. Em quase 350 páginas, os textos aqui reunidos por Margarida Calafate Ribeiro e Fátima da Cruz Rodrigues, provenientes de extensas entrevistas feitas por elas e outros investigadores a 37 homens e mulheres, todos com percursos individuais e distintos, mas todos, com um laço, mais ou menos invisível, mas indelével, com a condição de herdeiros do império. É uma herança muitas vezes negativa, feita dos estilhaços da dor de pais, avós, irmãos, de famílias profundamente marcadas pela perda, das várias ilusões, quer da razão de ser Império que a Europa arrojava para si, quer da possibilidade de um futuro diferente, livre e harmonioso; ou negativa pela perda de todas as suas posses nalguns casos, de vidas mesmo noutros. Herdeiros de memórias “desses tempos antigos que paradoxalmente contém uma história que não viveram, mas que os/nos define” (p. 21).

Este livro é de leitura tão obrigatória como dura, dolorosa mesmo, já que os percursos de vida aqui expostos, com uma candura incrível, revelam não propriamente segredos, mas sim fantasmas hediondos que hoje nos continuam a assombrar porque não tivemos ainda a coragem, como sociedade, de os confrontar. Livro pioneiro provém dos trabalhos realizados ao longo de cinco anos pelos investigadores do projeto MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-Memórias Europeias, sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, coordenado por Margarida Calafate Ribeiro e financiado pelo Conselho Europeu de Investigação.

Por um lado, *Des-cobrir a Europa* constitui a sua matriz, embora



Obra de Rodrigo Oliveira usada no projeto Memoirs **Corolário de Fenómenos (Na procura de um lugar)**

publicado já no final: não só por reunir muitas vezes de indivíduos e representar os pontos nevrálgicos do projeto, desde as questões da pós-memória na esteira da dissolução da ideia de Império em Portugal, na França e na Bélgica, até à imaginação de uma Europa pós-imperial, consciente da importância de assumir os vários traumas do seu passado, de modo a assim poder avançar para um futuro não só diferente como mais justo e mais livre.

Por outro lado, como as organizadoras expõem, as ‘entrevistas não foram apenas momentos de recolha de dados para um projeto. Foram momentos de coprodução de conhecimento e de consciencialização histórica nossa e do/a entrevistado/a sobre o sujeito social e político europeu que ele/ela constitui’ (p. 21). Longe de ser uma conclusão do projeto, o livro é muito mais o início de uma viagem de descoberta para todos os cidadãos da Europa, e não apenas para os que porventura tenham um passado que lhes permita uma maior, ou mais direta, identificação com as histórias aqui expostas. Porque o que aqui é dado a ver ao grande público – e o livro foi publicado em simultâneo em

França pela Imprensa Universitária de Nanterre – tem a ver com todos nós; porque o que está em causa mesmo é o futuro. Como Postácio um breve conto de Paulo Faria, que pode ser lido como uma metonímia do livro em si, com a sua reflexão na apropriação de memórias e a sua transmissão através da arte.

**UMA DAS CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES** deste livro, assim como do projeto MEMOIRS, é a sua transnacionalidade. O que estas narrativas bem demonstram é como, embora haja diferenças significativas entre as experiências imperiais e as descolonizações de Portugal, da França e da Bélgica, as semelhanças são mais salientes. Ao mesmo tempo, e isso também é outra característica fundamental do livro, embora os cidadãos e cidadãs aqui representados partilhem toda uma série de elementos, traumas, exílio, perdas várias, também se diferenciam muito entre si, dos que são filhos de antigos combatentes pela independência dos países colonizados, os cujos pais combateram pela manutenção da ordem colonial; dos descendentes de colonos em Angola ou Moçambique,

**Longe de ser uma conclusão do projeto, o livro é muito mais o início de uma viagem de descoberta para todos os cidadãos da Europa, e não apenas para os que porventura tenham um passado que lhes permita uma maior, ou mais direta, identificação com as histórias aqui expostas**

aos *pieds-noirs* e *harkís*, no caso da Argélia, ou mesmo, nalguns casos, a filhos de casais em que um dos lados da família combatera pelo Império e o outro lado pelo seu fim. Afinal, este também é um livro de fraturas; fraturas temporais, raciais, ideoló-

gicas que só podem ser superadas se reconhecidas.

Grande parte dos entrevistados tem uma participação ativa na vida cultural das suas sociedades. Muitos são artistas, escritores, educadores, ou, como no caso de Michel Guérin, jornalista e chefe de redação de *Le Monde*. Mesmo assim há diferenças entre eles também do ponto de vista social. Se alguns recordam uma vida de privações extremas, outros podem-se dizer verdadeiras imagens do privilégio. Por exemplo, o avô de uma das entrevistadas tinha sido governador de Angola até 1972. Nesse caso, as memórias só dificilmente poderiam ser semelhantes às de outra entrevistada cujos pais, de Cabo Verde e da Guiné, se tinham conhecido ‘em Lisboa à volta dos estudos e das lutas, ligados ao Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) (p. 269).

**MAS ESTAS NARRATIVAS** também nos deixam ver que longe de essas questões continuarem a constituir uma fratura e uma dicotomia ideológicas, há não só a possibilidade das presentes gerações questionarem as memórias que herdaram, como é o caso da neta do governador geral de Angola, como até, mais perto, ainda numa segunda geração, se pode ver uma mistura de atitudes e sentimentos em relação ao passado colonial. Para uma criança, o andar sem sapatos pode ser visto como uma experiência de liberdade (p. 257).

Uma das imagens mais belas evocadas neste livro é a de uma terceira língua, para além das faladas em casa e na escola, como diz a filha de um antigo combatente das Forças Armadas Francesas que nasceu já na Argélia: “E depois surge uma terceira língua, que para o olhar de uma criança parece totalmente louca, que é a língua da poesia. Um dia houve uma professora que, sobre o estrado escolar da sala de aulas, se pôs a declamar um poema. E isto pareceu-me totalmente louco, totalmente belo (...)” (p. 121).

**FOTOGRAFIAS CONSTITUEM UM OBJETO** privilegiado na pós-memória, já que a pós-memória frequentemente delas depende para a sua transmissão, especialmente depois do desaparecimento ou morte de

pais e outros familiares. Assim, as fotografias de família são aqui inva-riavelmente mencionadas. A relação de objetos com a memória tem sido analisada quer do ponto de vista dos estudos culturais, quer do ponto de vista neurológico e a materialidade destes 'objetos de memória' é sempre uma componente importante. Nestas narrativas, são mesmo objetos mate-riais que se afiguram da maior impor-tância, embora de maneira discreta, com a possível exceção do 'teatro de objetos' da atriz e encenadora belga Agnès Limbos. Um objeto em especial é por ela destacado por 'representa[r] tudo: é um africano que é um criado (...) E este boneco caía muito, foi-se partindo e eu fui colando-o. Tem as marcas da cola" (p. 220).

**SE ESTE OBJETO PODE** representar tudo, isto é, toda a opressão colonial, o racismo, a destruição e fragmentação inerentes, o passado, também repre-senta a sobrevivência, e a recomposi-ção dos estilhaços num todo de novo, onde as 'marcas' da cola são indício mesmo do processo de memória e re-memória.

Mas há outros objetos igualmente significativos. Alguns objetos são relíquias verdadeiras como as mobílias em madeiras africanas ou as peças de arte tradicional trazidas numa tentativa de recriar uma vida que já deixara de existir mesmo ainda antes do regresso ou da fuga para a Europa, um território a que nunca mais seria possível aceder a não ser através da memória e dos afetos. Outros são verdadeiros 'objetos sagrados' (p. 334) que, como tal, não toleram desloca-ções. Outros ainda são eles mesmo a essência da herança familiar, como é o caso das chaves da casa na Argélia que os pais de uma das entrevistadas 'construíram e onde viveram muito pouco, e nós os seus filhos muito me-nos (...) Esse molho de chaves é o que deles resta, o que herdámos dos meus pais' (p. 291-292.). E depois também há os objetos, malditos e secretos, como nos diz Nathalie Borgers, cine-asta nascida em Bruxelas e descen-dente de colonos no Congo e Ruanda: 'O meu pai tem um objeto secreto do meu avô, que sempre esteve escondido, algo que também sempre teve uma aura tremenda. O meu pai tem o chicote do meu avô' (p. 209).

É a des-coberta desses objetos secretos, das vidas e mortes que eles representam, da pertença e da recusa de pertença, das heranças tanto positivas como negativas, dos tabus, fetiches, segredos e silêncios, que este livro reconhece como imperativo para a construção de uma Europa pós-im-perial. **JL**



► **M. Calafate Ribeiro  
e F. Cruz Rodrigues**  
**DES-COBRIR  
A EUROPA:  
FILHOS DE  
IMPÉRIO E  
POS-MEMÓRIAS  
EUROPEIAS**

Afrontamento, 348 pp.,  
19 euros